

Eu, Preso – EP7: Penas Alternativas – Transcrição de diálogos

[Luíza] Eu, aos 14 anos, fui julgada por invasão a domicílio, formação de quadrilha e roubo. Cumpri uma pena alternativa, na verdade, restaurativa.

[Luíza] Meu nome é Luiza, tenho 22 anos, eu estudo na PUC São Paulo, faço Ciências Sociais, sou Presidente do Centro Acadêmico de Ciências Sociais, História e Geografia aqui da PUC, o CACS. Cumpri uma medida alternativa, há muitos anos atrás, quando eu tinha 14 anos. Eu fui condenada porque eu e duas amigas, a gente invadiu um apartamento, e aí...a gente, além de invadir a propriedade privada, a gente arrombou a porta e também a gente roubou muita coisa lá dentro. Então eu fui acusada por formação de quadrilha, porque eram mais de três pessoas envolvidas, por invasão a domicílio, e... por, pelo roubo, né?! Eu peguei uma pena de trabalho comunitário de seis meses. Eu cumpri a pena seis meses no Centro Comunitário Ludovico Pavone, que é um centro comunitário de apoio à comunidade do Real Parque. E aí depois eu fiquei lá mais uns oito meses, não cumprindo pena, mas pelo trabalho que eu comecei lá e que eu gostei muito.

[Markus] A justiça restaurativa é um momento que a gente tem na vida de parar um pouco nosso ritmo frenético que a gente tem nas nossas atividades para poder refletir. Especialmente, nós estamos vindo aqui em virtude de um fato que ocorreu lá na cidade de Quadra, que nós vamos debater para podermos alcançar o objetivo que é trabalhar essa questão, avaliar essa questão e ver as possibilidades que nós podemos ter a partir da discussão das questões que nós vamos abordar aqui.

[Bruna] Meu nome é Bruna Vitória, tenho 14 anos, e hoje eu estou aqui na justiça restaurativa por conta de um conflito na escola, que foi por um motivo inútil, por uma... por fofocas, e... hoje a gente veio resolver esse esse acontecimento.

[Markus] Nós vamos passar aqui agora o bastão para que cada um possa expressar como é que você se sente diante do que aconteceu.

[Susana] Eu estava trabalhando quando me ligaram da escola dizendo que minha filha tinha sido agredida. Quando eu perguntei à Larissa, a Larissa não sabia me explicar o porquê tinha agredido minha filha. O mesmo com a Bruna

[imitando] “falaram que ela falou de mim aí”, falou o quê? “Ah, não sei, ela falou!” Nesse momento, eu me senti indignada. Eu falei: Como vocês agredem uma outra pessoa sem nem sequer saber o porquê? Aonde está o respeito?

[Bruna] Bom, eu me sinto um pouco chateada comigo mesma por eu ter perdido a razão e ter feito coisa que eu não devia. Eu peço desculpas, desculpas mesmo. É, eu sei que não dá pra voltar atrás, mas se eu pudesse voltar atrás, eu teria ficado um pouco longe, ficado um pouco sozinha, pra pra ter pensado melhor, mas eu me sinto muito chateada por dentro, porque é uma coisa que eu poderia ter

evitado sim, e muito.

[Maíra] A importância hoje das penas alternativas é... fortalecer a possibilidade de utilizar outras formas de sanção, outras formas de punição que não a sanção prisional, a prisão. As penas alternativas aqui no Brasil, é... elas podem ser utilizadas em todas as condenações a penas inferiores a quatro anos, é em crimes que foram cometidos sem violência e grave ameaça, e o legislador exige também que o juiz observe naquela situação concreta que a culpabilidade, os antecedentes e as circunstâncias do crime indiquem que a substituição por uma pena alternativa é suficiente para aquele caso.

[Luíza] Eu era praticamente uma criança. Eu passei por umas coisas, tipo, muito surreais e horrendas, assim, de ter que me apresentar antes lá, e aí eu fiquei na cela antes de eu ser julgada, junto com outras meninas, e aí toda aquela cultura do terror de que "meu, eu vou pra Fundação Casa, eu vou ser presa, minha vida acabou". Todo esse processo que eu passei, eu nunca de fato corri o risco de ser presa, porque eu sou branca, porque eu sou classe média alta, porque os meus pais me pagaram advogado. Eu vivi muito pouco do que uma mulher negra, pobre, periférica viveria no meu lugar se tivesse feito a mesma coisa que eu fiz, só que eu não tinha essa dimensão na época, né?! Então, pra mim, do dia em que chegou a intimação em casa, minha vida tinha acabado. E aí depois que eu comecei a entender essa série de privilégios e não ficar só nessa culpa cristã de falar "nossa", e achar isso errado e querer esconder, eu falei: "bom, beleza, então, eu não tenho como negar esses privilégios, o que eu posso fazer então, já que eu tenho eles, para melhorar o mundo em que eu vivo, rumo a uma nova sociabilidade" E aí que eu encontrei a militância, e aí que as coisas de fato começaram a tomar forma pra mim, assim. Eu consegui dar nome às coisas, dar... contorno mesmo, dar sentido.

[Maíra] Ainda que tenhamos "muito pouco" pesquisa, né, pra embasar esse tipo de comparação entre as penas alternativas e as sanções prisionais, para todas as pessoas que operam, que atuam nesse campo, a diferença no público, no perfil das pessoas que recebem a sanção prisional ou que recebem as penas alternativas, a diferença nesse público é muito evidente, ela não permite alcançar as pessoas que têm ido prioritariamente pra prisão, que são as pessoas de baixa renda, é... que vivem em determinadas regiões da cidade, que, portanto, são mais alvo, né, da atuação policial, é, com recorte racial também claríssimo. É..., isso se coloca de forma muito distinta do que a gente observa nas penas alternativas não só por esse limite dos crimes, mas também pela possibilidade de... via uma condição social mais favorecida, o acesso a defensores que podem pleitear, né, ou garantir, é..., um tipo de sanção e mesmo um tipo de procedimento muito mais favorável às pessoas que têm recursos.

[Eurico] Nós vamos fazer uma dinâmica aqui chamada divisão de tarefas, ou seja, quais são as atividades de que o homem se ocupa durante o dia e quais as atividades de que a mulher se ocupa durante o dia. Tá bom?! São 24h

[Pedro – nome fictício] Eu estou aqui porque tive uma discussão com a minha esposa, né?! É... quer dizer, eu era um cara agressivo, então a gente discutia muito, né?! Então, por isso que estou aqui. São 22 encontros de que tem que participar, esse daqui é o meu vigésimo terceiro, e agora eu vou vir de três em três meses aqui. Ah, as palestras “é boa”, porque eles tentam fazer você ter igualdade com a mulher, e não você ser acima de uma mulher, então, a igualdade hoje, quer dizer, mudou bastante a minha... o jeito de viver, vamos botar assim, né?! Então, quer dizer, tudo o que eles conversam com a gente, a gente tem que ajudar a mulher, ajudar, fazer companheirismo, não é ajudar. Que a gente, em casa, a gente fala que ajuda, mas nunca ajuda, né? Então é ter companheirismo. Quando a mulher conquista o mercado de trabalho, então nós tivemos um período, ainda estamos vivendo ele, na verdade, né? Nessa incompreensão de que a mulher trabalha fora dois turnos e chega em casa..., a responsabilidade de cuidar da casa acaba sendo da mulher. Porque foi constituído que cuidar da casa... é obrigação dela. Olha, eu vou falar verdade. Se tiver que ir pra cadeia, você pega mais raiva ainda. Você estando aqui, só a conversa deles deixa a gente bem mais tranquilo. Então, qual é o pensamento de um cara que vai preso, minha opinião, quando ele sair de lá, ele vai fazer mais maldade ainda. Estando aqui, o cara começa a ter mais responsabilidade, o cara começa a enxergar a sociedade diferente, começa a enxergar a mulher como companheira.

[Maíra] Se as sanções alternativas, e mesmo os grupos de homens, os grupos reflexivos que favoreçam pelo menos um contato desses homens com um... a forma de violência que impuseram, né, nos seus lares durante anos e que viveram antes disso, etc... é, pensar que o grupo de homens e as soluções alternativas são insuficientes para lidar com essa questão, no meu ponto de vista, a pena de prisão certamente ainda é mais, então, elas podem não resolver o problema, porque é claro, o problema é seríssimo, é gravíssimo, e exigindo atuação não só do sistema de justiça, mas da sociedade como um todo. É nisso que estamos, né, para isso estamos!

[Pedro] A pena alternativa poderia ser um sistema de conferir de volta a humanidade a essas pessoas que tiveram a humanidade arrancada pelo sistema de justiça criminal. É... mas não é! É Evidente que a solução da pena alternativa é mais barata e é mais simples, só que o judiciário trata como se ela fosse mais complexa, porque a máquina é feita toda pra prender, então parece mais simples prender.

[Julita] Isso só não é um escândalo porque quem está lá sete meses esperando para ser julgado é o pobre, é o negro e é o favelado, não é?! Porque se fosse, né, se esse sujeito tivesse outro perfil, certamente a história seria diferente.

[Luíza] Eu cumpri a pena no Centro Comunitário do Ludovico Pavone... O centro comunitário é como se fosse um espaço de convivência pras crianças da comunidade do Real Parque. Eu tinha que ir lá três vezes por semana. No começo, era pra eu ser tipo a monitora, então dava... nos horários tipo de recreação, ou seja, na hora do almoço, no intervalo, horário de entrada e horário de saída, eu tinha que ficar

lá cuidando das crianças e dos adolescentes também.

[Luíza] Tinha uma mulher que também fazia o trabalho comunitário lá, mas não cumpria pena, era uma senhora de uns 50 anos, ela era bibliotecária. E aí, eu comecei, enquanto eu não estava no momento de intervalo com as crianças, eu comecei a arrumar a biblioteca, e aí eu, por acaso, achei uma salinha, meio que um depósito, e aí eu, tipo, clicou, assim, na hora e eu falei “cara, por que a gente não faz uma biblioteca infantojuvenil?” Tipo, a gente não vai conseguir atrair o mesmo público no mesmo lugar, tipo, uma criança de cinco anos não vai se interessar pelo que um menino de 13 anos vai querer ler. E aí, eu fui conversar com a minha mãe, porque a minha mãe é bibliotecária, né, e ela, enfim, é super envolvida com a causa e tal... E aí a gente construiu a biblioteca infantojuvenil, que era nessa salinha. A gente pintou a parede, enfim... a gente fez tudo, até construir as caixas. Eu consegui, com a ajuda da minha mãe, parceria de algumas editoras pra gente levar livro novo... E aí, quando terminou minha pena, todo o esqueleto da biblioteca estava pronto já, tipo, os livros iam chegar, só que eu falei: “Cara, nada adianta eu só falar, olhar, está pronta, as paredes estão pintadas, está tudo cheirosinho, bonitinho... a gente tem que começar fazer atividade para chamar esses jovens”. Então, no intervalo, ao invés de, sei lá, eu ficar fazendo alguma brincadeira com as crianças, tinha, tipo, para cada série, uma vez por semana, eles iam comigo para biblioteca.

[Maíra] No momento em que vivemos, quem nunca entrou na prisão não poderia entrar de maneira de nenhuma, né?! Então, há mecanismos né?! A gente pode prever mecanismos no nosso sistema de impedir que as pessoas que não entraram entrem pela primeira vez. E é muito difícil pensar atualmente uma sociedade que... pense em formas de lidar com esses crimes que não passe pelo sistema criminal e pela punição. Então, nessas situações, pensar as penas alternativas como uma forma real de responsabilização e de punição, que pode ser utilizada em detrimento do cárcere, ou deixando de utilizar o cárcere nessas situações me parece absolutamente fundamental.

[Markus] A próxima pergunta seria o que cada um pode oferecer pra gente poder tentar resolver essa questão.

[Bruna] Quando a mãe da Lilian, que foi a menina que eu agredi, fez o boletim de ocorrência, eu fiquei sim com um pouco de medo de ir pra Fundação. Então é uma coisa que eu tenho...eu vou pensar antes de fazer. Ao invés de eu sair batendo, sair fazendo alguma coisa, eu vou sentar e conversar, ou deixar quieto e sossegar a cabeça.

[Maíra] A ideia de justiça restaurativa engloba várias formas de resolução de conflitos que não passam por uma denúncia formal, um processo, uma investigação, uma condenação e uma prisão no final. Ou seja, uma série de experiências que têm sido realizadas aqui no Brasil e em vários outros países, é... de alternativa ao próprio sistema de justiça criminal têm sido chamadas de justiça restaurativa. É, para várias pessoas, elas têm o conteúdo mais preciso, né?! Que envolve é...hã... a participação das pessoas, de

todas as pessoas envolvidas, então, da pessoa que supostamente cometeu aquele ato problemático, aquele comportamento que foi visto como prejudicial, as vítimas, os familiares e a comunidade como um todo. O espaço que essa justiça, que me parece muito promissora, é justamente no âmbito das relações interpessoais, é justamente nas situações em que há um elemento problemático forte, a intenção por parte de algum desses atores em recorrer ao sistema de justiça formal, realizando o boletim de ocorrência, iniciando o processo criminal de alguma forma. E, ao invés de utilizar essa via oficial, tradicional, é... realizar, é... um círculo, assim são chamadas essas situações em que as pessoas podem apresentar aquilo que viveram, a experiência que tiveram. Então é uma forma de o próprio grupo familiar e de as pessoas diretamente envolvidas se apropriarem daquele conflito, né?! “Bom, vamos pensar um pouco sobre o que aconteceu aqui, é...como é que todos nós podemos atuar de maneira diferente para que isso não volte a ocorrer, para que as pessoas possam voltar a estabelecer uma relação, uma interação saudável, né, em que pese a ocorrência de um determinado fato que causou aí essa perturbação, por assim dizer, nesse grupo.”

[Bruna] É, fiquei feliz por a gente ter se entendido! Eu achei uma ideia muito boa sobre esse círculo. Ajudou um pouco, assim, eu também a tentar melhorar o meu jeito de agir e pensar no próximo também e não tentar ser tão explosiva assim com certas coisas e com a pessoa.

[Lilian] Eu acho que, se a gente fosse fazer as três juntas, ia chamar bastante atenção, porque eles iam achar estranho as três juntas, então eles iriam prestar atenção no que a gente ia falar.

[Bruna] A gente resolveu fazer um tipo de uma palestra, com... cartazes, tentar sair ajudando outras pessoas também que têm certos problemas com ansiedade, com nervosismo e com outras...com o bullying também, né?! E a gente fez de uma maneira que tentasse ajudar a todos.

[Markus] Muito obrigado. Eu queria convidar vocês a uma salva de palmas para todas vocês que participaram.

[Paulo] ...porque ao dizer “estou ajudando” é porque você está alimentando que o papel ainda é da mulher. “Estou ajudando, não é responsabilidade minha!” Entende? Se eu estou ajudando, é porque não é meu papel, porque eu posso, a qualquer hora, não querer mais ajudar. Não tem carteira assinada, não é considerado um trabalho.

[Antônio – nome fictício] Na hora do nervoso, você acaba falando alguma coisa, mas você tem que... vai ter que pagar. Tem que saber o que fala, né?! Porque as palavras “fere” muito, né?! As pessoas... e eu estou aprendendo as coisas com eles, porque tem que saber viver a dois, saber respeitar lado a lado, o “afazer” em casa, trabalhar, porque mulher fica em casa não trabalha, não traz dinheiro, isso aí não é desculpa, mulher trabalha em casa, então você tem que saber ver essas coisas. Ela está trabalhando, ela está cuidando de uma criança. Não é um serviço? Ela não está tendo ganho, mas ela

trabalha até mais que você.

[Maíra] A gente está vivendo agora uma questão muito emergencial em relação às penas alternativas. Elas nos colocam diante desse esforço de conter o avanço da população prisional, mas também de... diante da possibilidade de que as sentenças, a... de que as penas sejam impostas de maneira, é... de forma mais qualificada, ou seja, tentando mais diretamente a pessoa que o juiz, que a juíza tem diante dos olhos.

[Luíza] Pra mim, a... pena alternativa foi muito importante porque ela de fato abriu meus olhos, assim... é... quando a rotina, o cotidiano de lá era muito diferente do cotidiano que eu vivia na minha casa, na escola, e eu estava num raio de cinco quilômetros de distância, assim. Então, eu estava em dois mundos completamente diferentes, muito perto, que sempre esteve ali, que eu nunca soube. É... eu acho que a pena alternativa também, nesse sentido, é importante, né, porque ela, de alguma maneira, tenta reaproximar você de algo, de que talvez você esteja longe, assim. Então, se... por exemplo, eu mesma, é... eu consegui me aproximar mais da sociedade, assim, ou dessas outras camadas da sociedade que eu não enxergava lá dentro, e foi através dessa pena que eu tive essa possibilidade, sabe?!

[Pedro] O momento em que aquele jovem foi preso pela polícia, algemado, colocado no camburão, levou, ficou esperando, chegou na audiência de custódia, ninguém olhou na cara dele, vai manter o flagrante. Então, todos esses momentos, ele vai perdendo a humanidade. Ele vai virando uma coisa que aí cada vez mais fácil de ser recrutada para quem devolve a humanidade para ele, que são as organizações criminosas, que falam: "Não, você pode ser útil" etc..

[Julita] Nos anos 90, houve um período em que eu fui membro do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, e aí eu fui convidada para observar como funcionava a prestação de serviços à comunidade na Inglaterra, que realmente, na época, a Inglaterra assim era modelar na aplicação de alternativas à pena de prisão, enquanto prestação de serviços à comunidade. E aí eles me diziam, alguns emocionados: "Eu estou tendo uma oportunidade única, porque eu sei que eu fiz uma coisa errada, mas eu sei que, se não fosse pelo meu trabalho, essa comunidade hoje não ir ter esse centro", enfim, comunitário, um centro com atividades esportivas, porque era numa área pobre, muito pobre, de Londres. Eu acho que essa ideia de prestação de serviços à comunidade, prestação gratuita de serviços à comunidade, como algo que a comunidade olha e se vê recompensada de alguma maneira, eu acho que é o grande pulo do gato que a gente não conseguiu fazer no Brasil.